

NOSSA HISTÓRIA NINGUÉM APAGA! UBES 60 ANOS

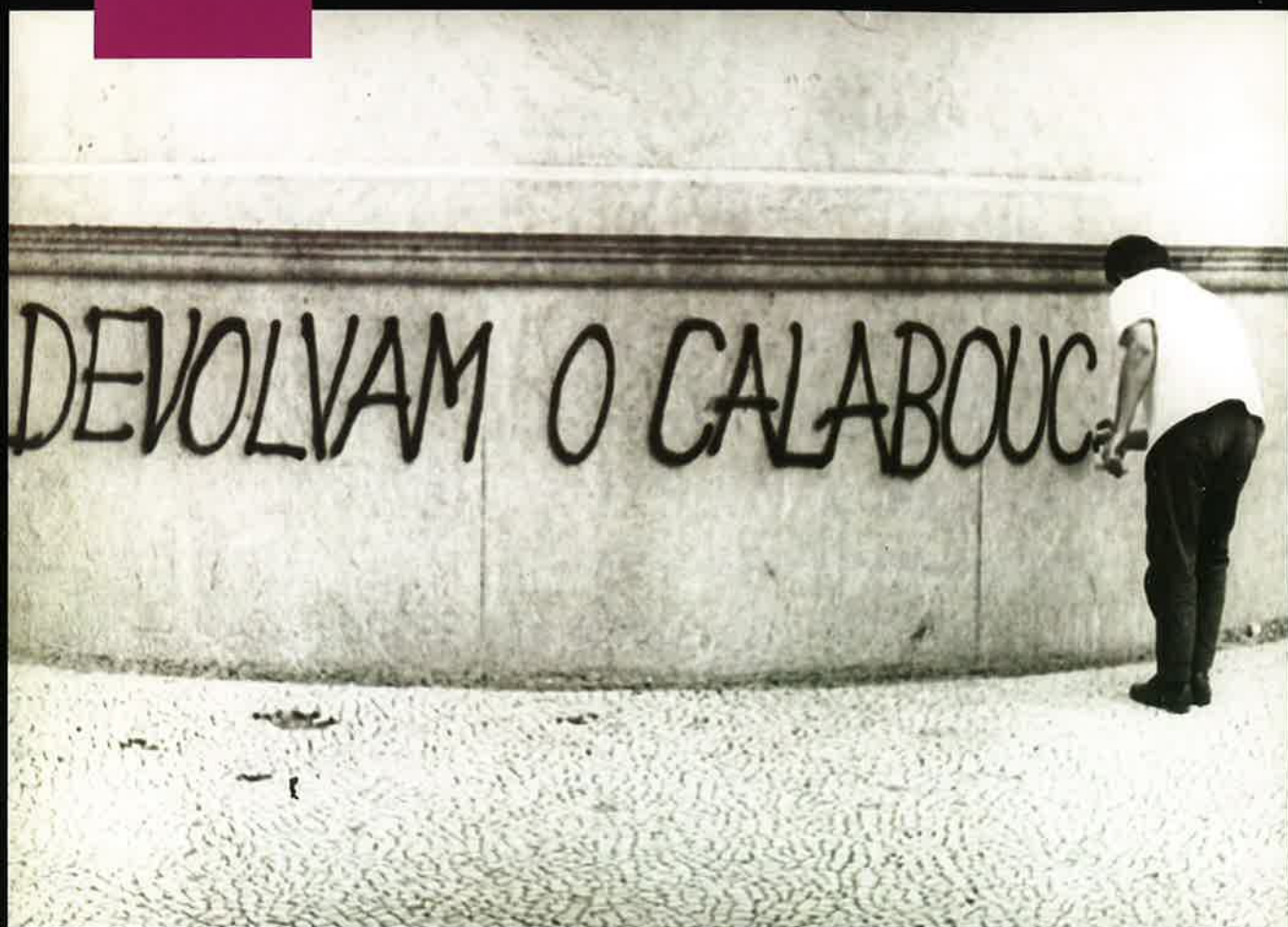
A NOSSA HISTÓRIA NINGUÉM APAGA!

1948-2008



RUMO AOS





Uma homenagem a todos os que lutaram e aos que continuam na linha de frente do movimento estudantil secundaristas, dedicando parte de suas vidas na construção de um mundo mais justo para todos.

Exemplar Especial

A revista ubes 60 anos é uma publicação especial da união brasileira dos estudantes secundaristas (ubes) para o 37º congresso (goiânia, dezembro 2007)

Presidente: Thiago Franco (E-mail: presidenteubex@yahoo.com.br)

Dir. de Comunicação: Raísa Marques (raisaubex@yahoo.com.br)

1ª Dir. Comunicação: Ana Santana

Redação: Fumaça Corp. (Rafael Minoro e Artênus Daniel)

Edição: Fumaça Corp (Rafael Minoro, Artênus Daniel e Vinicius Resende)

Revisão de texto: Jason Manuel Carreiro

Projeto Gráfico e Edição de Arte: W3ol – Comunicação

Fotos: Arquivos UNE/UBES, arquivo Projeto Memória do Movimento Estudantil (www.mme.org.br), arquivo Centro de Estudos e Memória da Juventude (CEMJ), arquivo TV Câmara, agências e doações pessoais.

Endereço: Rua Vergueiro, 2485, Vila Mariana, São Paulo/SP – CEP: 04101-200 Tel. (11) 5084 2127

Material produzido com recursos da carteira de identificação estudantil

Abaixo a MP 2208/01!

Capa:

“UBES de volta pra casa”



Se há uma palavra que combina com o espírito do movimento estudantil é “construção”. Construir idéias, lutas, pavimentar sonhos, abrir ruas e avenidas para ver a banda passar. Essas são duas imagens do terreno onde a UBES foi fundada, em 1948, na Praia do Flamengo, 132, Rio de Janeiro. A primeira, de Márcio Goldzweig, tirada na década de 1980, mostra a demolição da antiga sede pela ditadura militar, após ter incendiado o prédio em 1964. A segunda, de Lucimar Bersot, em 2007, mostram o início das obras de construção do novo prédio, após a retomada histórica do terreno em uma grande passeata “de volta para a casa”. Hoje e ontem, apesar das dificuldades e demolições impostas, o movimento secundarista continua se reconstruindo, com vontade e dedicação, para edificar um mundo melhor.

- 5** Editorial
- 6** Entrevista: Apolinário Rebelo

ANOS 40 • 50

- 8** Nasce a UNES: a organização do movimento estudantil secundarista!
- 9** UNES x UBES: a fraude e a divisão da entidade
- 11** 1956: a revolta dos bondes e a unificação
- 11** "O Petróleo é nosso": Monteiro Lobato, os estudantes e a defesa do patrimônio nacional!

ANOS 60 • 70

- 12** Chegam os anos 60: a hora de ser jovem e fazer a diferença
- 14** O assassinato de Edson Luis: "Aqui está o corpo de um estudante morto pela ditadura"
- 16** Passeata dos 100 mil: Um levante popular, uma comoção nacional
- 16** Então veio o AI-5, e o tempo fechou...

ANOS 80 • 90

- 17** Reconstruir a UBES, reorganizar o movimento estudantil!
- 18** Diretas Já: O povo quer votar!
- 19** Se liga 16: "Eu quero é votar" é o que estava na cabeça!
- 20** Duas Ubes? Sarney, o almoço e a divisão!
- 21** Fora Collor: O presidente Collorido x os caras-pintadas
- 23** Nada muda: a era FHC e oito anos de desmonte da educação

ANOS • 2000

- 24** Um movimento estudantil revigorado e antenado com as mudanças da juventude
- 27** A luta pelo Passe Livre sob a ótica da educação
- 28** Meia-entrada para democratizar o acesso à cultura
- 29** Geração histórica retoma terreno na Praia do Flamengo, 132

- 30** Bibliografia
- 31** Presidentes

Editorial

Nossa homenagem a todos que fizeram uma UBES do tamanho do Brasil

Quem nunca se esqueceu de alguma coisa importante ou não conseguiu se lembrar daquele dia marcante? Pois isso é mais normal do que parece... Afinal, a nossa história é feita do recorte de diversos fatos que, muitas vezes, fogem à memória. Com o movimento estudantil não é diferente. São muitos detalhes, episódios, lembranças que nos escapam. Se não bastasse, na trajetória dos estudantes brasileiros ainda apareceu a tirania de uma ditadura que fez de tudo, usando, inclusive, de força bruta no intuito de apagar essa memória.

Com a Revista dos 60 anos da UBES, o objetivo desta gestão que se encerra no 37º Congresso é refrescar um pouco a lembrança do nosso aguerrido passado, construído com muitas vitórias em defesa da democracia e dos direitos dos estudantes. É também uma homenagem a todos que ajudaram a pavimentar este caminho, aos que ainda contribuem para a transformação do país, aos que chegaram agora e, em especial, aos que tomaram sem poder vivenciar as mudanças conquistadas ao longo dos anos.

Ao lembrar as perdas, vale refletir sobre a trágica morte do estudante secundarista Edson Luis, covardemente assassinado pela polícia na ditadura militar durante uma pacífica manifestação no restaurante Calabouço, em 1968. É prova de que muitos tentaram nos calar, mas isso só alimentou a nossa disposição e rebeldia para mudar as coisas.

Nas próximas páginas, resgatamos os principais acontecimentos políticos que envolveram os movimentos estudantis secundaristas desde os anos 40, da fundação da UNES (que depois viria a ser a UBES), passando pela participação em importantes campanhas, como o "Petróleo é Nosso!"; relembando a barbárie inerente ao

período ditatorial; culminando nas inesquecíveis manifestações pelas Diretas Já, marcando para sempre a história política brasileira no manifesto "Fora Collor!"; mostrando que a luta não terminou com protestos contra a política neoliberal de FHC e levantando novas bandeiras da juventude brasileira, como a Reserva de Vagas, o Passe Livre e a construção de uma nova escola.

Como diz o ex-presidente da UBES, Apolinário Rebelo, na entrevista da página ao lado, são muitos os desafios para reconstruir a nossa história, e esta revista é apenas o começo de um grande projeto que pretende, no ano de 2008, lançar um livro de autoria do próprio Apolinário e celebrar em grande estilo o aniversário da "sexagenária" mais jovem do Brasil.

Boa leitura, E que mais 60 anos venham!

Thiago Franco, Presidente da UBES

Entrevista:

Apolinário Rebelo

“Se não houver secundaristas,
não é a verdadeira história do Brasil”

Recuperar a história da luta estudantil secundarista no Brasil não é uma tarefa fácil, mas representa um grande desejo de diversas gestões da UBES de alguns anos para cá. Esse trabalho começou a ganhar mais força em 1998, quando foram comemorados os 50 anos da entidade e a gestão da então presidente Juana Nunes preparou um especial de entrevistas com diversos ex-dirigentes.

Dez anos depois, outro projeto dará sequência a esse resgate. A gestão 2008/2009, em parceria com o ex-presidente da UBES Apolinário Rebelo (1983) está se encarregando de garimpar os detalhes do movimento em um intenso trabalho de pesquisa, organização de dados e produção.

Nesta entrevista, Apolinário fala um pouco sobre o que está sendo feito e sobre a comemoração dos 60 anos da UBES:

Qual é a necessidade de resgatar a história da UBES?

Isso é importante, primeiramente, porque o Brasil sempre teve manifestações juvenis grandes, muitos acontecimentos da nossa história, quando tiveram desfechos mais favoráveis ao povo, aconteceram com a participação dos estudantes, principalmente os secundaristas. Esses jovens estudantes sempre formaram um contingente enorme do nosso povo. Se em algum registro do Brasil não houver os seus estudantes secundaristas, não está ali a verdadeira história do país.

Como acontecerá esse processo? Quais são os maiores desafios para juntar os pedaços dessa história?

A dificuldade é grande porque a história da UBES é quase uma história indireta. Muitos fatos são dados como fatos genéricos dos estudantes, ou as pessoas acham que foram feitos somente pela UNE. Temos que ver qual foi o episódio, as suas origens e ver quem participou, quem construiu.

Darei dois exemplos: Na época da Campanha da Legalidade do governo João Goulart, quem começou as primeiras manifestações públicas foram estudantes do Colégio Júlio de



Muitos acontecimentos da nossa história, quando tiveram desfechos mais favoráveis ao povo, aconteceram com a participação dos estudantes, principalmente os secundaristas.

Castilho, de Porto Alegre. Eles saíram em passeata até a prefeitura e continuaram até o palácio do governador Brizola que encampou a luta. Outro episódio, também durante a legalidade, foi o alistamento de civis para a campanha, que também foi feito pelos secundaristas desse colégio. Tanto é que, quando Jango chegou ao Brasil, a primeira turma que encontrou foram esses estudantes.

Os desafios para resgatar a história da UBES também estão no fato de que muitas antigas lideranças faleceram nos últimos anos e grande parte dessa história é parte da memória oral dessas pessoas. Também existem alguns panfletos, materiais, mas é escasso. Estou pesquisando isso tudo desde 1998.

O que te levou a começar esse trabalho?

Foi a minha relação com a UBES, eu mesmo nunca soube muito a história completa dos secundaristas e resolvi correr atrás disso. Meu arquivo pessoal é muito grande, tenho mais de 1000 livros, muitos recortes de jornal, umas 50 horas de entrevistas, fotografias, etc. Já visitei diversas bibliotecas e arquivos públicos pelo Brasil, somente na biblioteca do Paraná já recolhi mais de 1500 cópias de documentos e registros.

O que a UBES representa para um jovem de 16, 17 anos que começa ali a sua formação política e coletiva?

Acho que a UBES contribui de forma muito profunda para a idéia de “brasilidade”, de amor pelo Brasil, de estudo da realidade do país, de compreensão dos problemas, etc. Além disso, participar da UBES acrescenta muito na consciência democrática, no respeito às opiniões e na descoberta do trabalho coletivo organizado, porque nada acontece por acaso. Quando você começa cedo a ter uma experiência como a UBES, com 13, 14 ou 16, 17 anos, certamente estará ali depois um jovem que, aos 25, será uma pessoa melhor, com um papel importante na sociedade, seja como empresário, prefeito, diretor de uma entidade social, não importa, o fato é que essa pessoa passa a desempenhar um papel mais importante na sociedade. A UBES é uma escola de política no sentido positivo do termo.

Quais são as principais diferenças de características entre o movimento estudantil secundarista e movimento estudantil universitário?

Acho que primeiro é a mentalidade. A cabeça do universitário já está formada e ele preocupa-se com diversas questões, como a sua qualificação, seu projeto de vida. Ele estuda com foco definido em torno de uma profissão. Hoje pode ser até que mais da metade dos universitários já trabalhem. Os secundaristas são bem mais livres, com menos apego material. Embora já seja grande o número dos que trabalham, o foco é o estudo. É, então, um jovem mais aguerrido, mais voluntarioso, isso facilita a sua luta, mesmo que ele ainda tenha menos experiência do que o universitário.

Como você vê a atuação da UBES atualmente?

Eu acho que a UBES é sempre um desafio à sua organização. Existem muitas escolas, são mais de 200 mil, e atender a esse universo é muito difícil sem uma estrutura financeira e uma rede de comunicação. O segundo desafio é escolher bandeiras que unifiquem todas as correntes da juventude, em cada uma de suas esferas. A idéia do Passe livre é muito boa, o programa da democracia nas escolas é super importante porque, mesmo no regime democrático, o regime da escola ainda é fechado, pouco participativo. Quanto à reserva de vagas, acho o debate importante, ele precisa ser ampliado.

Recentemente a UBES recuperou a sua sede, na Praia do Flamengo 132, Rio de Janeiro.



Participar da UBES acrescenta muito na consciência democrática, no respeito às opiniões e na descoberta do trabalho coletivo organizado, porque nada acontece por acaso

Qual a importância dessa retomada?

Quem atua, tem que ter um ponto de referência. A sede de São Paulo, na rua Vergueiro, foi conseguida quando eu era presidente da UBES e o governador Quéricia nos deu o prédio em comodato. Conseguimos também a Sede do Catete, no Rio, pelo Leonel Brizola, mas a gente ficava lutando muito pela volta à Praia do Flamengo. Acho que a reconquista do terreno é fundamental, agora precisamos de mais. Fazer a obra de reconstrução do prédio, não só a sede administrativa, mas também com o espaço do teatro, da biblioteca, etc.

Brincando de prever o futuro: como você acha que será a atuação da UBES e do movimento secundarista nos próximos 60 anos?

Infelizmente, eu ainda vejo a situação do ensino com desconfiança. Quando eu imagino que ainda estamos longe do dia em que a educação terá grandes investimentos, ou teremos uma revolução do setor, penso que a UBES ainda terá uma vida longa. Os jovens do futuro vão continuar lutando pela melhoria do ensino público e privado. A nova juventude, além do Messenger e do Orkut, terá mais articulação dentro das escolas, teremos a presença maior de movimentos como o hip-hop, mais cultura e, sobretudo, a temática do esporte que é importantíssima. Acho que a UBES, sem esquecer suas bandeiras históricas, terá também de olhar cada vez mais para essa diversidade e esse será o futuro do movimento estudantil secundarista.



Manifestação pela melhoria do ensino nos anos 50

NASCE A UNES: A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL SECUNDARISTA!

Há uma letra do músico pernambucano Chico Science que diz: “Um passo à frente e você já não está mais no mesmo lugar”. Com os estudantes secundaristas sempre foi assim. Constantemente movidos pelo desejo de mudar as coisas, desde as décadas de 1930 e 1940 eles já se organizavam em diversas regiões do país, dentro das escolas, formando os grêmios dos antigos colégios estaduais, os chamados Liceus.

Era uma geração herdeira de um movimento construído em meio aos desafios da grande questão colocada no período: o desenvolvimento nacional. De um lado, o projeto nacionalista de Getúlio Vargas (com os mesmos ideais dos tenentes da Revolução de 30); de outro, o desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek e o projeto das reformas de base encampado por João Goulart (em oposição ao golpe de 37, que estabeleceu a ditadura do Estado Novo).

Mas é o período que vai da restauração democrática em 1945 ao golpe militar de 1964 que marca em especial a história da participação dos estudantes na vida política do país. Neste intervalo de anos forças constituíram-se: identidades e tendências democráticas que criaram raízes e consistência política na sociedade brasileira. Elas foram derrotadas em 1964, mas não liquidadas.

Entre essas tendências e identidades destacou-se o movimento estudantil secundarista organizado. Durante todo este período democrático eles se consolidaram como um movimento estruturado, com grande capacidade de mobilização de massas e com uma direção política crítica e contestadora da sociedade, agindo como atores políticos dos mais relevantes no cenário nacional, influentes, criativos e corajosos.

Unidade na diversidade

Mesmo com uma atuação nos movimentos, e grandes campanhas na defesa do meio-passe nos ônibus e da meia-entrada realizadas em anos anteriores pela UNE (os estudantes secundaristas eram representados com um departamento dentro da entidade), é no final da década de 1940 que a participação dos secundaristas se intensificou e ganhou maior coordenação.

Os grêmios já existiam. Depois, foram sendo construídas as uniões municipais e, posteriormente, as entidades estaduais. Essa rede passou, então, a existir e a funcionar, de fato, articulada. O passo seguinte seria o movimento criar unidade em uma só entidade representativa, para fortalecer a luta pelos interesses dos estudantes.

O jornalista Lúcio de Abreu, presidente da UBES em 1950, lembra como se iniciou o processo da criação da entidade.

“Depois de inúmeras tentativas e contatos, porque toda a comunicação era muito difícil naquela época, foi marcado a data do 1º Congresso Nacional dos Estudantes Secundários, no Rio de Janeiro. A UNE não só deu toda a infra-estrutura, como também cedeu a sua sede, na Praia do Flamengo, para que ali se realizassem as plenárias [...] E assim, com uma boa base de organização, foi criada a UNES [União Nacional dos Estudantes Secundários], que elegeu como seu primeiro presidente o potiguar Luiz Bezerra de Oliveira Lima”

Abaixo a confusão: UNES vira UBES!

Em 25 de Julho de 1948, deu-se a mudança do nome inicial (União Nacional dos Estudantes Secundários) para União Brasileira dos Estudantes Secundários (UBES). Diz ainda Lúcio de Abreu:

"A mudança visou, fundamentalmente, evitar a confusão com a sigla da UNE, diferenciando e dando personalidade própria à nossa entidade nacional. Isso ocorreu no 2º Congresso [realizado em 1949], que elegeu para presidente o carioca Carlos César Castelar Pinto, que depois passou no vestibular de medicina e transmitiu a presidência para o vice José Teotônio Padilha de Sodrê."

Colocando um nome diferente da sigla da UNE, o movimento dos secundaristas criava, dessa forma, mais autonomia, diferenciando-se do movimento universitário, embora fossem parceiros de lutas. Tão parceiros que a UBES passou a funcionar na histórica sede da UNE, na Praia do Flamengo, número 132.

Unes x ubes: a fraude e a divisão da entidade

A UBES vinha desde a sua fundação criando condições para ampliar o seu espaço de influência e representação junto aos secundaristas. Os três primeiros Congressos ocorreram dentro da normalidade da disputa de idéias e, cada vez mais, chamava a atenção dos estudantes. Porém, como em toda a história das lutas democráticas no país, há, em dado momento, a interrupção por um golpe, não poderia ser diferente no caso da UBES.

O ex-presidente, Dynéas Aguiar (1953), hoje vice-prefeito de Campos do Jordão, conta que existia naquele período, particularmente entre 1950 e 1956, forças reacionárias atuando dentro do movimento estudantil. E foi durante o 4º Congresso, realizado em 1951, em Salvador, que eles resolveram se mostrar, desviar o foco do debate de opiniões e apelar para a fraude.

Um grupo minoritário de estudantes dissidentes, vindos de Pernambuco e Minas Gerais, liderados por Paulo Barbalho e Aníbal Teixeira (ligados ao Movimento das Águias Brancas, influenciado pelo Partido Integralista, de Plínio Salgado), ao perceberem a derrota no Congresso, criaram uma série de problemas, retiraram-se da plenária final e embarcaram rumo ao Rio de Janeiro.

Enquanto isso, em Salvador, o baiano Tibério César Gadelha era eleito com mais de 80% dos votos e se desdobrava para tentar contornar o problema da passagem de volta dos delegados para os seus estados. Dynéas lembra do ocorrido:

"No Congresso da Bahia, aconteceu o de sempre: a maioria era o pessoal da esquerda e, como de hábito, o pau quebrou. Só que desta vez o pessoal da direita se retira dizendo que não dava para apresentar a chapa e voa para o Rio. Eles sabiam em qual cartório estava registrada a UBES e forjaram um livro de ata, redigiram a ata e registraram a diretoria. Quando o Tibério chegou, foi para o cartório registrar a chapa vencedora e ouviram: Isso já está registrado, já tem uma diretoria registrada. Daí, começou a briga das diretorias. A disputa começou, evidentemente, nos estados, forçando cada entidade estadual a tomar posição sobre qual diretoria apoiar".

Mas pouco tempo depois, em 1952, o grupo de Tibério se lembrou que no mesmo cartório estava registrada a antiga União Nacional dos Estudantes Secundários (UNES). Então, com apoio da maioria das tendências políticas de esquerda do movimento secundarista, eles resgatam o antigo nome e, assim, passam a existir duas entidades no país: uma com forte influência dos integralistas e outra marcada pelas idéias do Partido Comunista. Como prova do seu autoritarismo, os integralistas expulsam a UNES da sede no Flamengo, que continua o trabalho nas entidades de base, mas fica sem um local fixo para as suas atividades.

A reunificação: caminhos diferentes que levam ao mesmo fim!

Em linhas gerais, o movimento estudantil funcionou do seguinte modo: uma entidade considerada de direita, que era a UBES, e outra considerada de esquerda, que era a UNES. Mas a unificação já vinha sendo pensada com mais objetividade desde 1953, quando Dynéas assumiu a UNES e Aníbal Teixeira a UBES. Ambos chegaram a ter conversas neste sentido:

"Começamos a desenvolver um trabalho de unificação. Eu entrei em contato direto com o Aníbal. A gente sentava, discutia, marcávamos primeiro todas as diferenças, depois víamos o que era possível fazer, o que era possível discutir. Começamos a ver que a gente marchava junto, cada um na sua esfera de influência, mas pelo menos com uma certa unidade", conta Dynéas.

Após o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, e a eleição de Juscelino Kubitschek, em 1955, uma nova perspectiva começou a se formar no campo político brasileiro, refletindo inclusive no movimento estudantil secundarista, já que Aníbal apoiava JK e o presidente tinha um canal de diálogo sempre aberto para as entidades estudantis.

Neste período, a UNES continuou realizando congressos e elegeu em 1955 Helga Hoffman a primeira mulher presidente da entidade. Na UBES, quem assume naquele ano é José Luis Clerot, considerado o "presidente da reunificação" porque, sem restrições e mantendo até mesmo admiração pela atuação política da esquerda, foi quem conduziu o processo de aproximação entre as duas entidades. Ambos começam então a costurar as vias de uma aproximação.

Dessa forma, as diferenças e conflitos ideológicos foram pouco a pouco sendo resolvidos. As reivindicações eram cada vez mais comuns, como a luta pela reforma do ensino, por mais vagas nas escolas, contra os aumentos das mensalidades e, principalmente, a campanha que paralisou os bondes do Rio de Janeiro, em 1956, contra o aumento das passagens.

Após uma série de debates, as duas entidades então resolveram convocar, em 1956, um congresso em Porto Alegre para, enfim, proporem a reunificação.

Ambas se unem sob o nome de União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e elegem Clerot para mais um mandato. Daí para frente, reunificada, "a vida continuou", como gosta de dizer Dynéas.



Estudantes em marcha na década de 50

REGISTRO DA UNES REGISTRO DA UNES REGISTRO DA UNES

UNES É REGISTRADA

Eleito em 25 de julho de 1948 como o primeiro presidente da UNES, Luiz Bezerra de Oliveira Lima vai, no dia 3 de setembro do mesmo ano, pessoalmente, no Registro Civil de Pessoas Jurídicas, à Av. Presidente Franklin Roosevelt, 176/2º andar, no Centro do Rio de Janeiro, registrar o Estatuto da UNES. Lá, entre muitos selos, carimbos e rubricas, ele assinala: "inspirada e fundamentada em princípios democráticos, a UNES será a entidade máxima de representação e coordenação dos corpos discentes dos estabelecimentos de ensino secundários do país"

PETRÓLEO É NOSSO O PETRÓLEO É NOSSO

"O PETRÓLEO É NOSSO":

MONTEIRO LOBATO, OS ESTUDANTES E A DEFESA DO PATRIMÔNIO NACIONAL!



Convenção do Petróleo em 1948

A campanha pela nacionalização do Petróleo iniciada em 1947 teve à sua frente além da força do movimento estudantil um personagem ilustre que ajudou muito na concepção de pensamento do movimento: o escritor Monteiro Lobato. A historiadora Maria Paula Araújo resgata a seguinte história em seu livro "Memórias Estudantis":

No livro "O poço do Visconde", publicado em 1937, a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo descobre petróleo no terreno do próprio sítio. Orientados pelo Visconde de Sabugosa, enfrentam trustes internacionais e conseguem perfurar o primeiro poço de petróleo do Brasil — o Caraminguá nº 1.

Dynéas também lembra da participação de Lobato num dos maiores movimentos de opinião pública e de mais intensa participação popular na história da República.

"Monteiro Lobato, pouco antes de falecer, ingressou no partido (comunista). Ele influenciou o partido a se envolver nessa luta do petróleo. A lei então foi para o Congresso numa batalha muito difícil porque lá as forças reacionárias e os entreguistas não queriam aceitar de jeito nenhum o monopólio estatal do petróleo."

O movimento ganhou tanta repercussão que teve a capacidade de unir diferentes setores sociais numa mesma campanha. A partir de 1948, o movimento estudantil passa a liderar as principais manifestações, e cria a Comissão Estudantil em Defesa do Petróleo. Dynéas brinca que "tinha mais propaganda da campanha do que tem hoje da Coca Cola ou do McDonald's".

O presidente Getúlio Vargas então atende ao apelo da opinião pública e assina, em outubro de 1953, a Lei nº 2004, que criou a Petrobrás. Era a consagração — com apoio dos estudantes e a adesão de amplos setores da sociedade — do sonho de Monteiro Lobato.



Dirigentes estudantis lançam campanha



Irreverência marcou protestos que pararam as ruas do Rio

GREVE DOS BONDES A GREVE D

1956: A Revolta Dos Bondes E A Unificação

A maior prova de que uma UBES unificada era capaz de amplificar e fortalecer ainda mais a luta pelos direitos dos estudantes se deu quando estouraram no país as campanhas no final da década de 1950 contra o aumento das passagens nos bondes do Rio de Janeiro e São Paulo. O ápice aconteceu em maio de 1956, no primeiro ano do governo JK.

A companhia Light and Power, que monopolizava o transporte dos bondes, ameaçou reajustar as tarifas de um para dois cruzeiros. O bonde era uma condução usada por quase todos os estudantes por causa do seu baixo preço. A partir daí, liderados pela força e irreverência dos estudantes secundaristas, uma série de protestos começou a pipocar pela cidade, tendo à frente a União Metropolitana dos Estudantes (UME) e o seu presidente José Batista de Oliveira Júnior.

Nas palavras de José Clerot dá para sentir o tamanho da mobilização e a importância que ela teve na unificação das entidades:

"Havia uma proximidade muito grande das bandeiras de luta e naquele momento começamos a fazer um trabalho comum. Na campanha contra o aumento dos bondes, nós conseguimos parar o Rio de Janeiro, a tal ponto, que o Juscelino desceu no [aeroporto] Santos Dumont e não conseguiu ir para Laranjeiras [Juscelino foi de helicóptero ao Palácio do Catete]. Distribuímos os estudantes em vários piquetes pela cidade. No final, a quantidade de bondes parados era maior que o Maracanã. Tenho um jornal da greve em que aparece a foto dos dois presidentes [da UBES e da UNES] na capa. Inclusive, com o prédio da UNE cercado pela polícia"

A campanha paralisou o Rio, nos dias 30 e 31 de maio e 1956, e acarretou em enorme prestígio e demonstração da força que tinha uma entidade que aglutinasse os estudantes secundaristas.

ABAIXO A DITADURA
= POVO NO PODER =

Anos 60 • 70

CHEGAM OS ANOS 60: A HORA DE SER JOVEM E FAZER A DIFERENÇA

Nos anos 60, enquanto o Brasil e o mundo viviam uma verdadeira revolução de costumes, pensamentos e acontecimentos, dois jovens estudantes secundaristas, um gaúcho e um baiano, levavam uma vida, um tanto quanto "diferente", no Rio de Janeiro. O que eles tinham em comum? Militavam na União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). Um deles era Políbio Braga, presidente da entidade, entre 1962 e 1963, o outro era seu vice-presidente. Políbio conta um pouco dessa história:

"Nossa sede era no mesmo edifício da UNE na Praia do Flamengo. Nós tínhamos o ultimo andar, na verdade, era um terraço que foi adaptado para ser sede da UBES e dois diretores tinham um quarto no andar de baixo, pois tinha uma ala residencial, se é que se pode chamar assim. Esse quarto era ocupado por mim e pelo baiano José Casalli Filho, que era meu vice-presidente".

Os tempos eram de mudança, revoluções no mundo, mudanças na música, no comportamento, nas roupas... era a hora do jovem e fazer a diferença! Não foram somente os dois dirigentes da UBES que escolheram morar longe de casa, junto à sua maior paixão, o movimento estudantil. Vários outros estudantes moraram ali, como revelou o ex-presidente da UNE no mesmo período, Aldo Arantes.

O lendário CPC

Foram as gestões de Aldo e Políbio que resolverem lançar, nos fundos daquela sede-domicílio, um dos mais importantes movimentos culturais das últimas décadas, o Centro Popular de Cultura (CPC). A criação do espaço abrigou um movimento fortíssimo da arte nacional, que teve sua base no movimento estudantil com nomes como Carlos (Cacá) Diegues, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra, Oduvaldo Vianna (Vianinha), Gianfrancesco Guarnieri entre outros.

Apesar de tanta efervescência de idéias, da brisa, do sol e da vista do mar pela janela do Prédio na Praia do Flamengo, o tempo também fechava nos anos 60. Foi uma época de embate entre dois grupos, que terminou com uma verdadeira tragédia para a democracia do país.

De um lado os jovens, os artistas, os intelectuais e todos que desejavam melhorar o Brasil e o mundo, buscando igualdade, mais justiça e, principalmente, mudanças na estrutura da sociedade. De outro, grupos conservadores, movimentos burgueses que não queriam mudar nada. Pelo contrário, estes grupos queriam retroceder em relação às mudanças que já estavam em andamento. Ao lado do movimento social, havia o importante apoio do presidente da República. Lembra Políbio:

"O governo João Goulart podia ser considerado como nosso aliado e nós concordávamos com várias de suas palavras de ordem. Tanto que, num determinado momento, passamos a integrar a Frente de Mobilização Popular, que foi criada pelo Governador Brizola, no segundo semestre de 1962. (...) A Frente era integrada por parlamentares, a UNE, a CGT, a UBES, onze ou doze entidades. O manifesto de criação da Frente é assinado pelo Brizola, por mim, por mais umas doze ou quinze pessoas. A Frente visava acelerar as Reformas de Base que o Jango queria fazer".

O grupo opositor ao movimento estudantil pegava pesado. Queimava os materiais da UBES e de outras entidades consideradas democráticas, entrava em conflito com os militantes da Frente e, principalmente, defendia uma ação autoritária do Estado no intuito de garantir seus interesses. Infelizmente, esta ação efetivou-se, através de uma política inconsequente, violenta e definitiva para a história brasileira, que será abordada a seguir.

CHUMBO GROSSO: A DITADURA MILITAR

Havia algumas prioridades do regime ditatorial naquela fatídica noite entre 30 de março e 1º de abril de 1964. Primeiro, tomar o poder. Segundo, invadir, destruir e incendiar o prédio da Praia do Flamengo, que era casa de Políbio, de José, de Aldo e de milhões. Os estudantes incomodavam o Estado, e eram violentamente repreendidos. Começava, então, um período tenso, marcado por perseguições, violência e censura. “De 64 a 72, fiquei alternando períodos na cadeia e fora dela. Na verdade, eu fui preso 15 vezes”, relembra o ex-presidente da UBES entre 62.



Ditadura endureceu, muitos são picados



Em direção contrário dos carros, estudantes marcham em protesto



UNE e UBES mostram e pedem o fim da ditadura

Essa era a realidade de muitos, que tiveram de arriscar e se virar como podiam para manter o movimento vivo. Outro ex-dirigente da entidade, Bernardo Joffily, também se lembra das dificuldades desse momento:

“Em 1965, a Lei Suplicy, que criou o Diretório Nacional Estudantil, tentou também criar algo similar no movimento secundarista. A nossa tarefa, então, era a mesma: resistir e manter a UBEs funcionando. Tanto no movimento secundarista, como no dos universitários, se criou uma certa legalidade de fato. As entidades eram ilegais, mas atuavam abertamente”

Essa situação se sustentou até o ano de 1968, considerado por muitos o ano mais importante do século XX. Novas idéias na França, flores contra a guerra nos Estados Unidos, o homem chegando à Lua e, no Brasil, três acontecimentos marcantes: a grande comoção pela morte de um estudante secundarista, a grande resistência à ditadura e o contra-ataque do regime ditatorial com o Ato Institucional número 5.



Corpo de Edson Luis: "Mataram um estudante, poderia ser seu filho"

"AQUI ESTÁ O CORPO DE UM ESTUDANTE MORTO PELA DITADURA"

O ano de 1968 tornou-se sinônimo de uma rebelião estudantil mundial. Praticamente em todo o mundo os estudantes, (universitários e secundaristas), foram às ruas, entraram em confronto com a polícia, realizaram greves e levantaram bandeiras de diferentes matizes. Uma geração influenciada pelas revoluções cubana e chinesa, e as guerras da Argélia e do Vietnã. Jovens influenciados pelas idéias de Che Guevara, Mao Tse-tung, Ho Chi Minh e os Panteras Negras. O vice-presidente da UBES na época, Bernardo Joffily, contextualiza o momento:

"O ano de 1968 foi de muita agitação. Em qualquer país que você pensasse, havia efervescência. O ano de 1968 foi meio mágico. Toda a semana tinha agitação; às vezes, todo dia. Era uma época de agitação muito grande. Depois do AI-5 isso tudo desapareceu."

No Brasil, as lutas estudantis e o processo de radicalização política que culminaram em 1968 começaram alguns anos antes, mais especificamente em 1966, quando ocorreram violentos confrontos entre estudantes e tropas policiais. Mas, por aqui, o ano que começou com enormes motivações, grandes propostas e grandes esperanças foi logo sufocado pelo Ato Institucional nº 5, em dezembro daquele ano, radicalizando e aperfeiçoando os dispositivos repressivos do regime militar.

Mas antes deste recrudescimento da ditadura, aquele ano que não acabou (como descreveria mais tarde Zuenir Ventura, em seu célebre livro), mais precisamente às 18h20 do dia 28 de março de 1968, um triste acontecimento marcaria todo o momento das lutas envolvendo a juventude brasileira pela liberdade democrática: a morte do estudante secundarista Edson Luís Lima Souto, um jovem pobre de 18 anos que viera de Belém do Pará para tentar ingressar em uma faculdade no Rio de Janeiro.



Protesto contra a repressão no restaurante Calabouço

Do Calabouço para o túmulo

O trágico episódio envolve o restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, que servia refeições a um preço baixíssimo e era freqüentado por milhares de estudantes diariamente. Era, portanto, um centro de ebulição natural dos anseios da juventude daquele período. O Estado, no entanto, lançou a idéia de demolir o local e usou como pretexto a construção de um viaduto no lugar. O Calabouço ficava entre o aeroporto Santos Dummont e a Praça Quinze, na altura dos anéis no fim do aterro da Praia do Flamengo.

"No dia 28 de março, o pessoal resolveu fazer uma passeata contra o fechamento do restaurante, mais ou menos com duzentos estudantes. Logo a polícia chegou com seus cacetetes e, aí, o pessoal começou a jogar pedra. Então, como reação às pedras, o comandante da operação [general Osvaldo Niemeyer Lisboa], alegando inferioridade de poder de fogo —foi essa a declaração que ele deu depois à imprensa— mandou os policiais usarem as armas", detalha Bernardo Joffily.

O escritor Artur Poerner, em seu livro *Poder Jovem*, chega a ironizar a declaração do general: "O militar revolucionava toda a teoria sobre armamentos, ao considerar garfos, colheres, bandejas e facas de cozinha armas mais poderosas que revólveres e pistolas calibre 45". Outra obra, *Memórias Estudantis*, de Maria Paula Araújo, traz o relato do historiador João Roberto Martins Filho sobre o assassinato:

"(...) Segundo testemunhas o estudante tentou correr, mas seus joelhos se dobraram, no rosto um olhar mais de espanto que de dor. A bala veio da direita, da entrada da galeria que dava para uma transversal da avenida General Justo [...] O rapaz foi atingido no peito. Os estudantes carregaram-no em passeata até o prédio da Assembléia Legislativa, onde entraram à força. Até chegar o caixão, o corpo ficou exposto sobre uma mesa. Sem camisa, coberto até a cintura por uma bandeira, um cartaz improvisado pendendo para frente - permaneceu protegido por um grupo de militantes que impedia a aproximação de estranhos."

"neste luto, começou a luta!"

A manhã chegou sem que a multidão tivesse arredado o pé. Ao contrário, a massa humana crescia e se espraiava pelas imediações da Assembléia. Populares desfilavam —e mulheres desmaiavam— diante do corpo. A tarde encontrou —segundo estimativa da equipe de reportagem do *Correio da Manhã*— centenas de milhares de pessoas na Cinelândia. E foi essa multidão que, às 16 horas e 13 minutos, formou o cortejo —comparável ao séquito fúnebre de Getúlio Vargas, em agosto de 1954— para acompanhar Edson Luís de Lima Souto ao seu túmulo, no Cemitério de São João Batista.

Coberto pela Bandeira Nacional, o caixão desceu as escadarias da Assembléia sob os acenos de milhares de lenços brancos. O povo entoava o Hino Nacional. Do alto dos edifícios caíam pétalas de flores e papéis picados. A multidão gritava "Desce! Desce!" para os que, nas janelas, se limitavam a içar a bandeiras negras. Muitos desciam e se integravam ao acompanhamento. Mas, os gritos mais ouvidos —igualmente inscritos em centenas de faixas— eram "Poderia ser seu Filho!", "Fora Assassinos!", "Brasil, seus filhos morrem por você" e —"Povo Organizado Derruba Ditadura!".

Três horas e meia depois, percorridos os seis ou sete quilômetros do trajeto, o portão do cemitério era forçado pela multidão, que portava velas e folhas de jornais incendiadas para iluminar as ruas escuras. Reinava silêncio completo. O povo só voltou a assobiar o Hino Nacional depois de entrar no São João Batista. Quando o corpo baixou á sepultura, as mais de 50 mil pessoas que lograram acesso ao interior da necrópole ouviram o solene juramento prestado por milhares de jovens: "Neste luto, começou a luta!"



Poerner entrega o caixão com o corpo de Edson Luís

PASSEATA DOS 100 MIL

UM LEVANTE POPULAR, UMA COMOÇÃO NACIONAL

A morte de Edson Luis marcou o início de um processo de radicalização política de confrontos violentos entre a polícia e os estudantes. Uma demonstração chocante da violência que a repressão policial passou a usar contra os estudantes, se deu poucos dias depois, na missa de sétimo dia, na Igreja Candelária, quando a cavalaria da PM atropelou alguns estudantes.

A partir daí, instalou-se um momento de grande efervescência no país. Muitas pessoas começavam a enxergar a verdadeira face da ditadura, e o assassinato gratuito, de um estudante pobre de 18 anos, foi realmente um marco, um catalisador que levou os estudantes a procurarem total integração com o povo. Assim, começou no Rio e em todo o Brasil uma nova ascensão do movimento estudantil.

O militante da União Metropolitana dos Estudantes do Rio, Vladimir Palmeira, sublinha que, até 1968, a orientação geral das manifestações era pacífica, mas que tudo mudou após o assassinato do jovem Edson.

A primeira demonstração de que as coisas não eram mais as mesmas, se deu em 19 de junho, no episódio conhecido como a "Quarta-feira Sangrenta". Após uma manifestação no Ministério da Educação, pela primeira vez os estudantes enfrentaram a polícia. No dia seguinte, 20 de junho, mais confrontos, com a ocupação do prédio do Conselho

A primeira demonstração de que as coisas não eram mais as mesmas, se deu em 19 de junho, no episódio conhecido como a "Quarta-feira Sangrenta". Após uma manifestação no Ministério da Educação, pela primeira vez os estudantes enfrentaram a polícia. No dia seguinte, 20 de junho, mais confrontos, com a ocupação do prédio do Conselho Universitário, na Praia Vermelha. E no dia 21, uma nova manifestação na Praça Tiradentes, com apoio da população e muita repressão e cacetadas (fala-se até em mortes, não comprovadas). Este episódio ficou conhecido como a "Sexta-feira sangrenta".

Tudo isso foi pavimentando um caminho que levou ao ponto máximo da mobilização estudantil entre 26 de junho e 4 de julho, nos protestos que foram depois denominados "Passeatas dos 100 mil", embora muitos ex-militantes, como o jornalista Franklin Martins acreditem que tenham comparecido às ruas naqueles dias mais de um milhão de pessoas. Poerner vê assim toda esta movimentação:

"As passeatas dos 100 mil criaram no país um clima que deu a muita gente a impressão de que se avizinhava uma nova fase de abertura democrática. A sensação iminente de democratização fez com que muitos perdessem o medo e decidissem dar a sua parte para a construção de uma sociedade mais livre e justa no Brasil."



100 mil vozes nas ruas dizem NÃO à ditadura

DECRETADO O AI-5 DECRETADO

ENTÃO VEIO O AI-5, E O TEMPO FECHOU...

Em dezembro de 1968, a ditadura militar, de uma só vez fechou o Congresso Nacional por prazo indeterminado; cassou mandatos de senadores; deputados, prefeitos e governadores; interveio no Poder Judiciário; (inclusive demitindo juízes); decretou estado de sítio; suspendeu a possibilidade de qualquer reunião; recrudescer a censura; determinando a censura prévia, que se estendia à música, ao teatro e ao cinema; suspendeu o "habeas corpus" para os chamados crimes políticos. Este era o Ato Institucional número 5, ou AI-5.

O decreto deu início a um período totalmente obscuro para os estudantes, com o Estado criando seus próprios mecanismos e subterfúgios para perseguir, torturar e matar quantos quisesse. Desde 1960, até o fim dos anos 1970, a UBES funcionava somente em pequenas e heróicas organizações clandestinas, como o Conselho de Salvador, com cerca de 120 estudantes.

"Foi uma aventura, mas nós acabamos conseguindo fazer umas seis reuniões parciais, quebrando um galho para que não se perdesse a possibilidade de um mínimo de discussão", lembra Bernardo Joffily, que ficou hospedado por dois meses, e sem nenhum custo, na casa de um humilde ex-soldado baiano, solidário à UBES e aos estudantes.

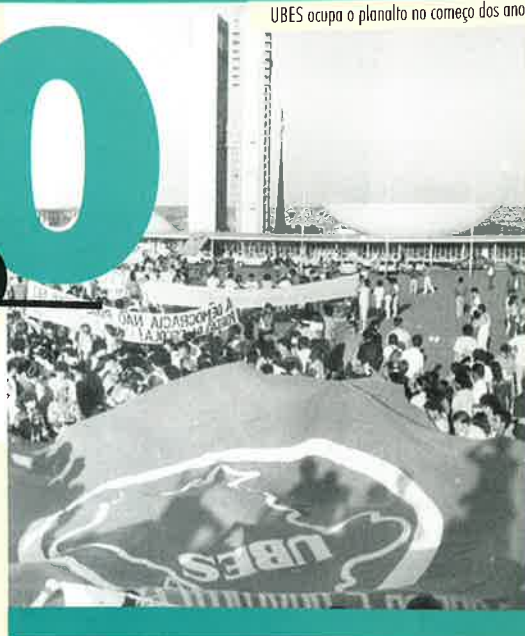
Através de uma lei federal, os grêmios estudantis foram transformados nos chamados centros cívicos, em uma estratégia do regime ditatorial para enfraquecer ainda mais o movimento secundarista. Com o terror instalado, a UBES ficou esquecida e os estudantes foram se dispersando aos poucos, até que o movimento cessou. Alguns partiram, individualmente, para a luta armada. Outros esperaram o enfraquecimento do regime. Eles iriam se encontrar, novamente, na Bahia, 10 anos depois, com muito mais força e uma tarefa fundamental, a reconstrução.

80 • 90

Anos 80 • 90

RECONSTRUIR A UBES, REORGANIZAR O MOVIMENTO ESTUDANTIL!

UBES ocupa o planalto no começo dos anos 90



Salvador, 1979

Milhares de universitários de todas as regiões do país vão aos poucos tomando conta da cidade. Apesar dos bloqueios que a ditadura militar montou nas estradas, os ônibus começaram a chegar à capital baiana, muitos deles atrasados. Os jovens que desembarcavam iam se conhecendo, montando seus grupos, começando as conversas. Pareciam não ter medo.

No meio de todo aquele movimento (ainda um tanto tenso por causa da repressão dos militares), Sérgio, um jovem secundarista de 17 anos, reúne-se com outros colegas de vários estados. Eles não são universitários, mas sabem que, em breve, teriam de fazer o mesmo para o movimento do qual participavam: reconstruir a UBES.

Os jovens aproveitam o Congresso da UNE para se organizar e planejar as próximas ações. Definem alguns encontros, conhecidos como ENES (Encontro Nacional dos Estudantes Secundaristas). O primeiro seria em Belo Horizonte, em 1979. Depois, no Rio de Janeiro e, por último, em Salvador, quando foi lançada a campanha "A UBES vem aí". Estava tudo pronto para a reconstrução da entidade.

Curitiba, 1981

Milhares de secundaristas de todas as regiões do país vão tomando conta da cidade. Apesar dos poucos recursos para a viagem, da falta de informações e da ameaça policial, eles não tem dúvida: participarão do Congresso de reconstrução da UBES.

Sérgio está lá, participando da comissão organizadora, que agrega lideranças do país inteiro. Não há nenhuma infra-estrutura para a realização do congresso e os estudantes ocupam um ginásio abandonado e começam os trabalhos. Porém, como o ginásio também não oferece condições, a abertura acaba sendo feita em uma igreja próxima. Não há microfone nem equipamento de som, para ouvir o que estava sendo dito, ocorre a prática do "alto-falante humano", onde um fala, e outros repetem, para que todos possam ouvir.

Lendo esta descrição, pode-se pensar que o Congresso de Curitiba não deve ter dado certo, tamanha era a dificuldade para sua realização. A verdade, porém, é que a UBES foi reconstruída naquele ano. Como novo presidente da entidade, foi eleito o jovem Sérgio Amadeu da Silveira. Ele fala um pouco mais sobre as dificuldades daquele processo em 1981:

"Eu e outros integrantes da comissão fomos chamados pelo governador do Paraná, que nos falou: 'Suspendam o congresso'. Nós falamos que era impossível, estávamos esperando cerca de 2 mil estudantes. O governador não quis enfrentar, pois achou que seria muito mais prejudicial à imagem do regime militar e do seu próprio governo. Ele deixou que nós realizássemos o Congresso, porém, logo após ser eleito presidente da UBES, fui preso, pela polícia federal. Sabíamos que não existia mais a tortura, mas ainda existiam algumas atitudes repressivas."

A reconstrução da UBES, (assim como a da UNE), aconteceu em um momento de ofensiva dos movimentos sociais brasileiros, que enxergavam o enfraquecimento do regime e a possibilidade de reconquistar a democracia. Os estudantes secundaristas tinham grande participação nesse cenário, por meio da reorganização estudantil nos chamados centros-cívicos, espaços que substituíram os grêmios escolares durante a ditadura. E se a vontade geral era recuperar as liberdades, a primeira coisa que estava na cabeça dos jovens era votar para presidente.

Então, o início da década de 80 foi o momento de uma grande campanha popular pelas "Diretas Já", com o apoio fundamental dos secundaristas, já reorganizados na sua principal entidade. O presidente da UBES eleito em 1983, Apolinário Rebelo, foi o primeiro a discursar no lendário comício da Candelária, no Rio de Janeiro, em 1984, para um milhão de pessoas. Esta foi a maior mobilização popular pró-diretas e anti-ditadura que ocorreu naquele período.

Grêmios agora é lei

Apolinário se lembra de outras importantes ações dos secundaristas na primeira metade da década de 80:

"Retomamos o registro legal da UBES nos cartórios do Rio de Janeiro, relançamos o jornal que a UBES tinha e que havia sido fechado em 1964, e conseguimos também realizar o 1º Seminário Nacional sobre a Educação e o 1º Encontro de Escolas Técnicas de Nível Médio. Retomamos as sedes em São Paulo e no Rio de Janeiro e apresentamos o Projeto de Lei de Legalização dos Grêmios Livres no Congresso Nacional"

A legalização dos grêmios foi um dos passos mais importantes na reestruturação do movimento estudantil secundarista, e para apagar os últimos ranços da ditadura militar nas escolas e na vida do jovem brasileiro. Desde o golpe militar, a organização estudantil foi sendo extinta e controlada pelo regime. Tudo mudou com o projeto 7938/1985, do deputado federal Aldo Arantes, ex-presidente da UNE. O texto diz:

"Aos estudantes de estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus fica assegurada a organização de Estudantes como entidades autônomas representativas dos interesses dos estudantes secundaristas com finalidades educacionais, culturais, cívicas esportivas e sociais."

Além da reconstrução dos grêmios, outras entidades estudantis secundaristas foram reaparecendo, é o caso das Uniãoes Municipais e Estaduais de estudantes. Muitas só voltaram a existir há pouco tempo, nos anos de 2006 e 2007.



Marcelo Gavião e Aldo Arantes comemoram os 20 anos da Lei do Grêmios

O povo quer votar

O fim do regime militar no Brasil não aconteceu só com meia dúzia de acordos e decretos, nem com um fácil acordo de cavalheiros. Mesmo com o enfraquecimento da ditadura e o retorno de diversos presos políticos e exilados para o país, incluindo estudantes, os militares não deixaram o osso tão facilmente. A população foi para as ruas pedir a volta da democracia e os secundaristas, como sempre, não podiam ficar de fora.

Durante o ano de 1984, o país assistiu a uma mobilização popular sem precedentes: em todas as cidades e capitais a população manifestou seu repúdio às eleições indiretas e exigiu o voto direto para presidente. A maior manifestação, realizada em São Paulo, reuniu aproximadamente 1,7 milhão de pessoas, grande parte delas estudantes secundaristas.

Apesar disso, a emenda constitucional que restabelecia as eleições diretas foi reprovada pelo Congresso. O próximo presidente da república seria eleito pelo voto indireto: Paulo Maluf representava uma facção do partido do governo, o PDS, na eleição do colégio Eleitoral. Tancredo Neves, do PMDB, representava uma aliança das outras forças políticas da nação. Tancredo foi eleito pelo voto indireto, mas adoeceu no dia de sua posse, em 15 de março, e morreu em abril de 1985. O vice presidente José Sarney assumiu o governo. Com ele teve início a transição do regime militar para o regime democrático.



Mar de gente: Diretas Já

"Eu quero é votar" é o que estava na cabeça!

A força dos secundaristas nas manifestações de reabertura democrática foi tão expressiva que, no primeiro processo eleitoral pós-ditadura, os jovens de 16 e 17 anos ganharam um presente: o voto. Foi uma conquista do movimento juvenil estabelecida pela Emenda Constitucional de 10 de maio de 1985 e incorporada na Constituição "Cidadã" de 1988.

Apesar de não ser obrigatório, o voto desses jovens sempre foi expressivo, principalmente por meio da campanha "Se Liga 16" da UBES, que desde o primeiro processo eleitoral pós-ditadura, em 1989, percorre escolas, grêmios e associações de todo o país em uma grande movimentação pela participação política da juventude. Como consequência desta conquista, em 1989, mais de 3,5 milhões de jovens

foram às urnas. A primeira participação dessa fatia da população em uma eleição não poderia ser melhor, o que prova que mais de 20 anos de ditadura militar não conseguiram retirar do jovem a vontade de mudar a sua realidade.

A campanha "Se Liga 16" continuou intensificada em todos os anos de eleições federais, estaduais ou municipais, sempre com um poder maior de conscientização. A geração das décadas de 1980 e 1990 foi acometida pela febre do título de eleitor. Não bastava ter passado da infância e chegado à adolescência, não bastava aprender a dirigir ou a namorar. "Eu quero é votar" era o lema dos jovens!

A UBES realizou a campanha, desde então, em todos os períodos eleitorais do país. Além disso, a entidade se manteve publicamente contra as tentativas de despolitização da juventude, como ocorreu no processo eleitoral de 2006, com uma campanha de televisão da MTV que estimulava o voto nulo. A UBES comprou o debate, criticou a postura da campanha e ressaltou a importância do voto também dentro do Conselho Nacional da Juventude, órgão composto por diversas entidades ligadas ao jovem. Mesmo com campanha contra, as eleições de 2006 tiveram participação recorde de jovens de 16 e 17 anos.

Sarney, o almoço e a divisão!

No meio da década de 1980, logo após a reabertura democrática, o movimento estudantil secundarista passaria novamente por um difícil processo de ruptura, o episódio que ficou conhecido como a “Divisão da UBES”. O objetivo de todas as forças políticas daquela época era o mesmo: superar de uma o regime militar, e brigar pelas transformações do país de forma mais igualitária e justa. A vontade, porém, era tão grande, que teve gente que acabou se desentendendo e partindo em uma direção contrária à da unificação. E tudo começou, de fato, por causa de um almoço.

O grande começo de divisão do movimento em duas UBES diferentes aconteceu em 1987, em Brasília, durante o Congresso da entidade. O clima era tenso por causa das divergências de um grupo que, entre outras coisas, defendia a oposição ao presidente da República, José Sarney, e de outro grupo que defendia o apoio ao presidente para realizar as mudanças de transformação social que o movimento estudantil sempre reivindicou.

Não bastasse a dificuldade de conciliação entre os grupos, naquele Congresso, a UBES teve sérios problemas com a alimentação servida aos participantes. O resultado foi péssimo: muita gente passou mal. A “crise da comida” impediu o encerramento do Congresso e o encaminhamento de todas as questões que estariam na pauta.

Dessa forma, o grupo que apoiava Sarney retirou-se do congresso e decidiu criar a sua própria UBES. O presidente da entidade original na época deste Congresso, Rovilson Britto, explica melhor como foi esse momento:

“Nós abrimos o Congresso com o informe do que estava acontecendo e apresentamos a proposta de diretoria consensual, que foi defendida por todas as forças presentes. Tudo foi votado e assim eleita a nova diretoria. Mas nós já sabíamos, de antemão, que eles [o grupo apoiador de Sarney] iam aproveitar aquele incidente para promover a divisão.”

Foi então convocado um Conselho Nacional de Entidades Gerais (Coneg), um mês depois do Congresso, em setembro de 1987, em Minas Gerais, para votar as questões que ficaram pendentes. Novamente houve uma divisão, e foi criada uma outra diretoria da entidade.

Juntos por um mesmo ideal: a reunificação

Durante mais de quatro anos, duas UBES falaram em nome dos estudantes. Muitas vezes, a UBES oficial fazia contato com uma escola, ou com o governo, e recebia a seguinte resposta: “A UBES já passou por aqui”. As divergências entre os dois grupos continuaram até 1992. Com o fim do governo Sarney e a eleição de Fernando Collor, parte das rixas do passado não tinha mais sentido. Além disso, o crescimento das denúncias de corrupção contra o novo presidente e a política econômica do país não agradavam em nada os dois grupos.

A ordem da vez era superar a divisão e direcionar as ações para um entendimento. Em agosto de 1992, formada uma comissão composta pelas diretorias de ambas as entidades com o objetivo de pensar a convocação de um Congresso de Reunificação, assim como foi feito em 1957. No entanto, pelo momento político que exigia a urgente atuação dos estudantes foi convocado um outro Coneg, no final de agosto, em São Paulo.

Aconteceu, então, uma decisão curiosa. As duas diretorias se juntam e elegem dois Coordenadores gerais. A gestão de 1992 e 1993, portanto, foi presidida em conjunto por Mauro Panzera e Totó Parente. “A costura se deu com concessões de ambas as partes”, explica Mauro. Totó concorda: “Deixamos de centralizar as discussões em nós, e fomos assumir o que o país esperava da sua juventude”, disse.

O resultado da reunificação deu tão certo que a nova UBES, dessa vez com todos jogando no mesmo time, protagonizou um dos mais importantes episódios da história do movimento social brasileiro, o “Fora Collor”, responsável pelo primeiro caso de impedimento de um presidente da república em toda a história.

Em novembro de 1993 ocorreu o congresso que unificou de fato a entidade, que voltou a ter um presidente único, o paranaense Joel Benin. Outra novidade foi a aprovação das gestões de dois anos.

21

Caras-pintadas

Com o aprofundamento das denúncias contra o presidente, os estudantes foram o primeiro grupo a gritar: "Fora Collor". Os secundaristas tiveram papel central nesse processo, que acabou com o impedimento do presidente. Foram os estudantes do ensino médio, organizados pela UBES, que criaram a marca desses dias de 1992: as famosas caras pintadas. Tudo começou no dia 11 de agosto, em uma manifestação convocada pelas entidades estudantis na cidade de São Paulo. Quem lembra com mais detalhes dessa história é o também presidente da UBES naquele ano, Mauro Panzera:

"Os caras-pintadas surgiram com aquela primeira manifestação ali na área de concentração da passeata, que era no MASP [Museu de Arte e São Paulo, na Avenida Paulista]. Estávamos nós, umas cinquenta pessoas, um carro de som grande e começou lentamente a chegar a turma das escolas. Chegou uma turma animadíssima, com algumas meninas com o rosto pintado de verde e amarelo. Então a gente ali, rapidamente, eu Totó e Reinaldo, a gente achou que seria um negócio bacana pintar o rosto, fantasiar todo mundo [...] Então a gente saiu, foi numa papelaria próxima e comprou alguns potes de tinta guache e saiu pintando todo mundo. Sem a expectativa de que isso viraria uma marca."

As manifestações foram se estendendo por todas as cidades do país, com cada vez mais participação dos estudantes. A grande maioria saía da escola e seguia direto para os protestos. Em pouco tempo, eram milhares de secundaristas com uniformes escolares, mochilas, os rostos pintados de verde, amarelo, ou preto, em sinal de luto pela a situação do país. Foi um movimento de massa que chamou a atenção da opinião pública e envolveu todo o Brasil. Não dava para segurar, os estudantes iriam mesmo conseguir retirar um presidente do poder. E foi o que aconteceu!



Multidão se manifesta em São Paulo

O adeus do presidente...

A pressão popular era enorme e Collor foi afastado da presidência da República no dia 2 de outubro, sendo depois julgado pelo Senado Federal em 29 de dezembro, com seus direitos políticos cassados. No seu lugar, assumiu o vice, Itamar Franco.

A UBES escreveu novamente a história do país, com consciência e maturidade invejáveis para uma entidade recentemente reconstruída e ainda se recuperando de divisões e crises internas. Ninguém seguiu os secundaristas naquele ano de 1992, como relembra Totó Parente:

"Não teria impeachment no Brasil, se não tivesse havido a participação da juventude secundarista! Era gigantesco o contingente de jovens que participaram das mobilizações. E a UBES teve um papel histórico: o de assumir tarefas que a própria UNE, inclusive, não assume naquele momento (...) Quem bancou aquelas mobilizações, quem botou a moçada na rua, até pela diferença numérica — tem muito mais secundaristas do que universitários — foi a UBES."



Estudante: Achamos que deveria haver mais verbas para o ensino público
 Fernando Henrique: Então me ajudem. A UNE e a UBES tem que me ajudar
 Estudante: Então aumente as verbas para o ensino público!
 Fernando Henrique: Mas então me ajudem! (já irritado)
 Estudante: Primeiro queremos mais verbas no ensino público!

(Fim da Conversa)

NADA MUDA: A ERA FHC E OITO ANOS DE DESMONTE DA EDUCAÇÃO

O primeiro encontro oficial do movimento estudantil com Fernando Henrique Cardoso foi em 1994, quando ele ainda era ministro da fazenda do governo Itamar Franco. O tom da conversa mostrou como as relações com esse político seriam tensos nos próximos oito anos (1994 – 2002), período em que ele foi presidente do Brasil.

Na conversa acima, o estudante é Joel Benin, presidente da UBES entre 1993 e 1995. É ele quem descreve as falas e relembra-se, com detalhes, das reações de Fernando Henrique. Esta foi, no entanto, uma das poucas recordações desse tipo que o movimento estudantil guarda da era FHC, que se tornou conhecido como um presidente de pouquíssimo diálogo com os movimentos sociais e com um projeto de governo muito diferente daquele que os estudantes queriam. Joel lembra como foi esse período:

"Foi confronto. Ai já não havia diálogo, havia uma disparidade muito grande de propostas. (...) O movimento estudantil se mobilizou muito nesses oito anos. A luta começou a ser de toda sociedade, contra as privatizações, contra o neoliberalismo. Foi um confronto difícil. Uma coisa era o governo Itamar, que recebia os estudantes, liberava recursos, que tinha um diálogo com o movimento popular e estudantil. Chegamos a tomar chopp com o Itamar. Já com o Fernando Henrique foi confronto desde a época de ministro."

E os confrontos não foram só de cunho ideológico. Foram inúmeras as vezes em que estudantes e a polícia tiveram atritos na era FHC. Um dos episódios mais marcantes foi na comemoração dos 500 anos do Brasil, quando movimentos sociais, indígenas e estudantis excluídos das comemorações oficiais foram reprimidos nos arredores de Porto Seguro (BA).

As divergências entre o movimento social e FHC estavam, principalmente, nos rumos da economia do país, cada vez mais atrelada aos interesses do mercado internacional de capitais e menos preocupada com a política social. A submissão do presidente ao Fundo Monetário Internacional (FMI) foi responsável pela dobradinha do refrão: "Fora FHC, Fora FMI".

O presidente da UBES em 1995, Kerison Lopes, lembra muito bem dessa relação de distanciamento e confronto:

"O mais marcante era a contradição entre a euforia de ter a força de derrubar um presidente corrupto e a frustração de ter um presidente neoliberal como o Fernando Henrique. Em seus governos, praticamente todas as suas medidas eram prejudiciais aos estudantes, ao povo e a soberania do país, portanto nosso caminho não poderia ser outro a não ser de confronto. A UBES enquanto instituição até mantinha um relação com as instituições do governo federal, como havia de ser, mas com o presidente nunca nos reunimos. Aliás, rolou uma onda nas manifestações contra a reforma do ensino técnico que era ocupar as delegacias do MEC nos estados e, aproveitando, a oportunidade, quebrar os quadros oficiais do presidente que ficam dependurados. Acho que foi esta a única proximidade que tivemos, quebrando quadros com sua imagem."

No plano da educação, a gestão de Fernando Henrique foi na contramão do ensino público, gratuito e de qualidade, principal bandeira da UBES e da UNE desde o surgimento das entidades. Os investimentos na universidade pública foram pouquíssimos e, por outro lado, proliferaram-se um uma terra sem lei as faculdades particulares, mais preocupadas com o bolso do que com a cabeça dos alunos.

O ministro da Educação na época, Paulo Renato de Souza, ficou conhecido por ser um representante da política neoliberal nos assuntos ligados ao ensino e foi taxado de inimigo número 1 da educação pelos estudantes. A UBES fez muito barulho contra a reforma do ensino médio que estava sendo feita e a reforma do ensino técnico, que desvinculava os cursos profissionalizantes do ensino geral. Kerison recorda as manifestações e campanhas em defesa do ensino técnico:

"Fizemos uma grande campanha em defesa do ensino técnico, com a bandeira do 'Queremos mais que apertar parafusos', que defendia que o ensino profissionalizante continuasse veiculado com o ensino de segundo grau, dando uma formação mais ampla aos futuros profissionais. Respondíamos a um decreto do governo federal que fazia a desvinculação. Foi uma luta que aconteceu em todas as escolas técnicas e agrotécnicas do país e foi traduzida em enormes manifestações."



São Paulo escuta o grito da juventude: Fora FHC!

ONDA DE PRIVATIZAÇÕES ONDA DE PRIVATIZAÇÕES ONDA DE PRIVATIZAÇÕES

Mais uma vez em defesa do patrimônio nacional

Uma das principais características da UBES e de todo o movimento estudantil sempre foi a defesa da soberania e do patrimônio nacional. Sempre que foi preciso, os estudantes marcaram posição para defender os maiores bens da nação. Durante os anos 90, no entanto, a parada foi dura. A onda de privatizações tomou conta da política do governo federal, com a venda de diversas empresas nacionais, muitas vezes, para grupos estrangeiros a preço de banana.

Um dos episódios mais marcantes dessa época foi a venda da Companhia Vale do Rio Doce, uma das maiores mineradoras do mundo no ano de 1997. A privatização da Vale provocou muitos protestos dos estudantes, em grande parte secundaristas. A presidente da UBES na época, Juana Nunes, lembra detalhes do que aconteceu durante a venda da Companhia no Rio de Janeiro:

"Todos os movimentos sociais foram para a porta do prédio onde estava sendo feito o leilão, queríamos realmente conseguir entrar e impedir esse processo, só que o que aconteceu é que apanhamos muito nesse dia, era coisa de Jornal Nacional. No dia seguinte, nas escolas todas, havia aquele sentimento de indignação. Isso fez com que a nossa causa ganhasse muito mais adesões, a imagem dos estudantes secundaristas apanhando na TV repercutiu muito. Aí então o movimento cresceu, apareceu gente de todos os lados e havia mais estudantes do que policiais no fim das contas. Aí houve a história das rosas, uma imagem linda, os policiais do lado de dentro das grades e os estudantes de fora, ao invés de mandar pedras ou algo assim, entregavam flores para os soldados"

Mesmo com tantos protestos, a Vale foi privatizada. No entanto, a sua venda foi contestada na justiça e o processo reaberto, levando a uma grande mobilização dos movimentos sociais, incluindo a UBES, pela anulação do leilão. A maior iniciativa nesse sentido foi a realização, em 2007, de um plebiscito popular sobre a venda da Vale. Realizado em todos os estados, o plebiscito mostrou que a maior parte dos brasileiros é contra a privatização da Companhia. Ou seja, os estudantes estarão novamente a postos, com flores, idéias, e muita coragem para defender o que é do Brasil.

FHC ainda tenta vender Vale



O presidente da UBES Kerison Lopes apanha da polícia

No Rio, o presidente da UBES, Kerison Lopes (com o nariz sangrando), e o deputado Lindeburg Farias (PC do RJ) são vistos em confronto com a polícia

11 limin. privatizações
Governo decisões co

Decisões da justiça do Rio de Janeiro, que anulou o leilão da Vale do Rio Doce, em 1997, e o processo de privatização da empresa. O governo federal tentou vender a Vale do Rio Doce para o grupo estrangeiro da British Steel. A venda foi contestada na justiça e o processo reaberto. A maior iniciativa nesse sentido foi a realização, em 2007, de um plebiscito popular sobre a venda da Vale. Realizado em todos os estados, o plebiscito mostrou que a maior parte dos brasileiros é contra a privatização da Companhia. Ou seja, os estudantes estarão novamente a postos, com flores, idéias, e muita coragem para defender o que é do Brasil.

Anos 2000

UM MOVIMENTO ESTUDANTIL REVIGORADO E ANTENADO COM AS MUDANÇAS DA JUVENTUDE



Por toda a última década, o século 21 foi idealizado, romantizado, virou roteiro de filme, letra de música e não faltaram previsões sobre como seria o mundo dos anos 2000. Grande parte delas, como o advento de carros voadores e andróides, falhou. Mas não há como negar que o começo do milênio veio junto com muitas mudanças no mundo inteiro e no Brasil não poderia ser diferente. O estudante do novo século chegou trocando o caderno pelo computador, falando ao telefone celular, com o Ipod ao ouvido, comunicando-se freneticamente pelo *MSN* e pelo *Orkut*, e com muito mais acesso à informação do que todas as outras gerações de jovens antes dele.

Dentro do movimento estudantil, a participação começou a acontecer cada vez mais cedo, como explica o carioca Igor Bruno, o primeiro presidente da UBES do século 21, responsável pela entidade entre os anos de 2001 e 2003:

"Acho que tem uma diferença marcante no movimento nessa época. A cada congresso, nos encontros, a gente ia percebendo que a turma ia entrando mais nova. Isso porque o jovem também já começava a sair cada vez mais novo no ensino médio. Então a UBES começa a agregar uma faixa muito grande de 14, 15, 16 anos, isso mostra que, depois de tanto tempo, o movimento secundarista continua jovem, combativo, espontâneo e isso é muito importante"

A presidente que antecedeu Igor na direção da UBES, a gaúcha Carla Santos, diz que, nesse momento histórico, a UBES busca outras lutas e bandeiras como a defesa do meio ambiente, a luta contra o racismo, a homofobia, o debate sobre o software livre etc. Segundo ela, estes estudantes eram os herdeiros da chamada "Geração X":

"O pessoal que está na frente dos grêmios nessa virada de século ainda é muito influenciado por aqueles estudantes da década de 90, a Geração X. Esse nome era dada porque foi uma geração sem roupa, buscando uma identidade. Nos anos 50, 60, 70, 80, sempre havia uma certa marca daquela juventude, a geração dos anos 90 e 2000 chega buscando um pouco disso".



Carla Santos discursa durante Congresso da UBES



Thiago Franco lidera manifestação pelo Passe Livre

Não foi, porém, só o perfil da juventude que chega aos anos 2000 em fase de mudança. No Brasil e na América Latina, a virada do milênio trouxe uma série de conquistas políticas das forças populares de diversos países e um sentimento crescente de unificação do continente. No Brasil, a UBES participou, como fundadora, da Coordenação dos Movimentos Sociais, uma importante organização unindo também entidades como a UNE, CUT, MST, UNEGRO, Marcha Mundial da Mulheres, CONAN, UBM, entre outras.

O fato político mais importante do país nesse período foi a eleição do pernambucano Luís Inácio Lula da Silva para a presidência da república. Filho de retirantes nordestinos, ex-metalúrgico e sindicalista, Lula recebeu o apoio de praticamente todas as forças populares, como relembra Igor:

"A vontade de mudança era muito grande naquele momento, após um período de domínio neoliberal. No Congresso que antecedeu as eleições, debatemos qual seria o posicionamento dos estudantes secundaristas e decidimos que a eleição de Lula era muito importante"

No entanto, como nada muda de um dia para o outro para quem está na linha de frente da luta por uma nova realidade, os anos 2000 também chegaram com muita reivindicação e protestos do movimento secundarista, na busca por seus direitos.

O filho do pedreiro vai virar doutor!

Uma importante bandeira da UBES nesse início de século foi a luta pela reserva de vagas nas universidades federais para negros, índios e também estudantes oriundos de escolas públicas. As mobilizações em todo país fizeram com que o debate chegasse ao Congresso Nacional. Em uma grande passeata liderada pelo então presidente Marcelo Gavião, mais de dois mil secundaristas tomaram Brasília no ano de 2004 pedindo a aprovação do projeto de lei 3627/04. Os protestos também aconteceram nos estados, onde algumas instituições já implantaram a reserva.

Segundo Marcelo Gavião, o debate da reserva de vagas enfrentou e ainda enfrenta, principalmente, o preconceito existente nas estruturas da sociedade brasileira:

"Nós percebemos que era vital mudar o ingresso do jovem à universidade para mudar o país, mudar o perfil das pessoas que sempre chegaram ao ensino superior, que na sua maioria, não representam os anseios e demandas da sociedade em geral. A UBES defendeu a reserva de vagas para criar a universidade do rico, do pobre, do branco, do negro, do índio, uma universidade com a cara do Brasil", afirma

Outro importante avanço na área da educação, após muita reivindicação da UBES e dos movimentos sociais, foi a aprovação do Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica), no começo de 2007. Os estudantes secundaristas também

conquistaram o ensino da Filosofia e da Sociologia no ensino médio, uma medida que foi aprovada após pressão da UBES e de outras entidades ligadas à educação.

Uma outra briga que a entidade comprovou no último período foi pela derrubada da Proposta de Emenda Constitucional que quer reduzir a maioria penal no país. Em 2007, a UBES enfrentou as forças reacionárias no Congresso Nacional e realizou um protesto durante a votação da PEC na Comissão de Constituição e Justiça do Senado. Se depender dos estudantes, a medida não passará!



Dia Nacional de Luta pelo Passe Livre em São Paulo



Caravana da UBES passa pelo Rio de Janeiro

A luta pelo Passe Livre sob a ótica da educação

O Artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação brasileira, de 1996, prevê a obrigatoriedade do Estado em prover o ensino público com base na igualdade de condições para o acesso. O texto da legislação é claro: todos os alunos deveriam ter as mesmas condições para chegar e permanecer na escola. Porém, a realidade traz à tona um cenário bem diferente. Um dos maiores motivos da evasão escolar em todos os tempos, mas principalmente a partir da década de 90, tem sido a falta de recursos do estudante para pagar o seu transporte até a escola. Nas famílias com pouca renda e mais de um filho em idade escolar, a situação se agrava.

A luta pelo Passe Estudantil no movimento secundarista começou localizada em algumas grandes cidades do país, a partir do final da década de 1950. Os estudantes começaram a se reunir em diversos protestos pela ampliação do acesso estudantil ao transporte público, por meio da criação de legislações municipais e estaduais. Durante os anos 90 e começo dos anos 2000, as manifestações cresceram em proporção, ganharam corpo, e tiveram grande repercussão por meio de movimentos como a "Revolta do Busão", em Salvador, e a "Revolta da Catraca", em Florianópolis.

No 36º Congresso da UBES, em 2005, a entidade elegeu o mineiro Thiago Franco como presidente e definiu que a luta pelo Passe Estudantil seria a principal bandeira da gestão. Grandes manifestações aconteceram no Dia Nacional de Defesa do Passe Estudantil, em 22 de março. Em 2006, as atividades aconteceram em 40 cidades, com grandes mobilizações em São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte. Em 2007, o dia foi marcado por grandes protestos, como os que aconteceram no Rio de Janeiro, Manaus e Brasília.

PASSE ESTUDANTIL PASSE ESTUDANTIL PASSE ESTUDANTIL PASSE ES

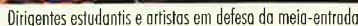
Caravana inédita

A maior iniciativa em defesa do Passe, porém, foi a Caravana UBES em defesa do Passe Estudantil, em 2007, que visitou 20 cidades em 11 estados nos meses de março, maio e junho. Dividida em duas etapas, a Caravana percorreu quase 15 mil quilômetros, atingindo trinta mil estudantes de escolas de todas as regiões, promovendo 21 debates e 17 apresentações teatrais. Além disso, foram realizados encontros com governadores, prefeitos, deputados, vereadores, secretários de estado e outras autoridades que receberam um modelo de projeto de lei do passe estudantil elaborado pela UBES.

Em encontro com o presidente Lula, também em 2007, Thiago Franco também falou sobre a questão e pediu ações do governo federal em favor do passe em todo o território nacional.



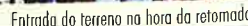
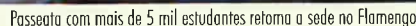
Estudante faz protesto pacífico em Manaus



A meia-entrada para estudantes em eventos culturais e esportivos existe desde a década de 1930 no Brasil, segundo relatos do Professor Goffredo da Silva Telles e do jornalista Barbosa Lima Sobrinho. O direito, que era garantido inicialmente pelo uso da carteira da UNE, na década de 50 passou também a valer com a carteira de identificação da UBES. Nessa época, os estudantes secundaristas adquiriam os documentos da UBES por meio da própria escola, pois a entidade mantinha um convênio de emissão com o Ministério da Educação, que fazia a distribuição e o recolhimento das solicitações como forma de agilizar o processo de emissão das carteiras.

A meia-entrada sempre foi uma forma de complemento educacional dos conteúdos vistos em sala de aula, ampliando o acesso do jovem aos bens culturais. Porém, o direito foi praticamente extinto com a chegada dos militares ao poder em 1964 e o fim das entidades estudantis. Após a reconstrução da UBES e da UNE, na década de 80, vários estados e municípios criaram suas legislações próprias para a meia-entrada.

Em 2001, porém, a meia-entrada começou a enfrentar um grande problema: a instituição da Medida Provisória 2208, editada pelo governo Fernando Henrique Cardoso. A MP permitiu que organizações sem compromisso com a educação ou vínculos com as lutas estudantis, pudessem produzir a carteira estudantil, desarticulando o controle e gerando uma infinidade de fraudes e a criação das famosas “entidades de gaveta” ou “fábricas de carteirinha”.





Presidente da UNE e da UBES inauguram placa comemorativa

DE VOLTA PRA CASA DE VOLTA PRA CASA DE VOLTA PRA CASA DE VO

Geração histórica retoma terreno na Praia do Flamengo, 132

Era muita força para derrubar aquele portão. Não somente cinco mil jovens unidos em uma bela passeata pelas ruas do Rio de Janeiro, não somente 33 anos de espera. Não eram somente a UBES e a UNE voltando para casa, recuperando o terreno da Praia do Flamengo, 132, invadido e incendiado pela ditadura militar em 1964. Foi a força de ser jovem que derrubou as grades, mais uma vez.

Os estudantes secundaristas e universitários brasileiros provaram que não fogem da luta, durante a *culturata* (passeata cultural) de encerramento da 5ª Bienal da UNE, no dia 1º de fevereiro de 2007. Depois de a sede ter sido demolida pelo governo militar, funcionava ali um estacionamento clandestino, interditado pela prefeitura do Rio de Janeiro poucos dias antes da Bienal. Assim que entraram, os estudantes levantaram acampamento e não arredaram pé por meses, ocupando o espaço com cultura, debates, recebendo a visita e o apoio de diversos políticos e personalidades.

Oscar Niemeyer

O esforço valeu a pena. O terreno voltou para as mãos dos estudantes com a sentença do Juiz Jaime Dias Pinheiro Filho, da 43ª Vara Cível do Rio. Hoje, com um novo projeto de sede desenhado especialmente por Oscar Niemeyer e entregue aos presidentes da UBES, Thiago Franco e da UNE, Lúcia Stumpf, os estudantes já planejam as obras do Centro Cultural que deverá funcionar ali. No final de 2007, o presidente Lula se reuniu com o presidente da UBES, Thiago Franco, e a presidente da UNE, Lúcia Stumpf, para tratar da construção da nova sede, com apoio do estado. Durante a conversa, o presidente e os estudantes concordaram que a invasão e destruição do prédio na praia do Flamengo é uma dívida social do Estado com os estudantes.

O presidente da UBES se mostrou otimista após o encontro:

"Para nós será muito importante resgatar não só o endereço, mas fundamentalmente toda a história de combatividade e luta que marcou e ainda marca o movimento estudantil, principalmente no Rio de Janeiro", disse. Thiago ainda ressaltou a importância da UBES ter sido fundada naquele endereço e o simbolismo do retorno no momento em que a entidade prepara-se para os seus 60 anos."



Oscar Niemeyer, entrega à Lúcia e Thiago o projeto da nova sede das entidades estudantis

Bibliografia

ARAÚJO, Maria Paula. Memórias Estudantis. Da fundação da UNE aos nossos dias.. 1º ed. Rio de Janeiro: Relume Dará; Fundação Roberto Marinho, 2007
POERNER, Artur José. O Poder Jovem: história da participação. 5ª. ed. São Paulo: Booklink, 2004
Revista a Volta da UNE. De Ibiúna a Salvador, 1979
Revista UEE-58 anos, junho de 2007
Revista UBES 50 anos, 1997
Revista Movimento, Maio 2002
Revista Movimento, Novembro 2007
Revista Histórico UNE 60 anos a favor do Brasil, 1997
Revista Movimento, Novembro-Dezembro, 1981
Acervos/ Entrevistas/Depoimentos
Projeto Memória do Movimento Estudantil (www.mme.org.br)
Centro de Estudo e Memória da Juventude (CEMJ)
Revista UBES 50 anos, 1997

Fundadores da UBES

José Fagundas de Menezes — RN
Luiz Bezerra de Oliveira Lima — RN
Artur Fagundas de Oliveira - MG
Carlos Rubens Ferreira de Oliveira — MG
Antonio Castro — GO
Mario Expedito da Silva — RJ
Antonio José de Vires — RJ
Marina Mattla — PA
Gemeniano Moura — BA

Entidades presentes na fundação:

União Colegial de Minas Gerais — UCMG
Centro Potiguar dos Estudantes
União Fluminense dos Estudantes Secundários
União Carioca dos Estudantes de Comercio
União dos Estudantes do Curso Secundários do Pará
Associação dos Estudantes Secundários da Bahia

Presidentes

1948 / 1949

Presidente: Luís Bezerra de Oliveira Lima RN

1949 / 1950

Presidente: Carlos César Castelar Pinto - RJ

1950 / 1951

Presidente: Lúcio Abreu

1951 / 1952

Presidente UNES: Tibério César Gadelha BA

1952 / 1953

Presidente UNES: Édson Fontoura

1953 / 1954

Presidente UNES: Dinéas Aguiar — SP

1954 / 1955

Presidente UNES: Dinéas Aguiar — SP
(reeleito)

1955 / 1956

Presidente UNES: Helga Hoffman - SP

1956 / 1957

Presidente: José Luís Clerot — PB

1957 / 1958

Presidente: Celso Saleh

1959 / 1960

Presidente: Raimundo Nonato Cruz

1960 / 1961

Presidente: Jarbas Santana —

1961 / 1962

Presidente: Alcino Pinheiro do Rego

1962 / 1963

Presidente: Políbio Braga - SC

1964 / 1965

Presidente: Olímpio Mendes

1965 - 1966

Com o golpe em abril de 64, praticamente toda a diretoria se exilou fora do país ou viveu na clandestinidade

1967

Presidente: Tibério Canuto BA

Abril a Dezembro 1968 Presidente:

Marcos Melo

1968 / 1969

Presidente: Juca Ferreira - BA

1969 a 1980

A perseguição começou a ficar mais intensa e as entidades não conseguiram mais realizar congressos

1979 a 1981

Funcionou uma comissão pró-UBES

1981 / 1983

Presidente: Sergio Amadeu da Silveira

1983 / 1984

Presidente: Apolinário Rebelo

1984 / 1985

Presidente: Delcimar Pires

1985 / 1986

Presidente: Selma de Oliveira

1986 / 1987

Presidente: Rovilson Brito

1987 / 1988

Presidente: Altair Lebre

1988 / 1989

Presidente: Manoel Rangel

1989 / 1991

Presidente: Manoel Rangel (reeleito)

1991 / 1992

Presidente: Leila Márcia Santos

1992 / 1993

Coordenadores Gerais: Mauro Panzera e Antonio Parente

1993 / 1995

Presidente: Joel Benin

1995 / 1997

Presidente: Kerison Lopes

1997 / 1999

Presidente: Juana Nunes

1999 / 2001

Presidente: Carla Santos

2001 / 2003

Presidente: Igor Bruno Freitas

2003 / 2005

Presidente: Marcelo Gavião

2005 / 2007

Presidente: Thiago Franco

* Nos período de 1951 a 1956 houve uma fraude eleitoral e o movimento estudantil secundarista se dividiu. Existia a entidade oficial, a UNES, e uma outra, a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundários), que teve a frente os seguintes presidentes: Paulo Barbalho (1952/53), Aníbal Teixeira (1953/54), Carlos Salzano Vieira Cunha (1954/55) e José Luis Clerot (1955/56)

** O movimento se reunificou em 1956 sob o nome UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), elegendo Clerot para mais uma gestão.

*** Depois, na década de 1980, uma outra divisão fez com que novamente existissem duas entidades. Presidiram a "UBES paralela" Leandro Saverio (1987/89) e Antonio Parente (1989/92)

**** Em 1992 ocorreu a reunificação e durante este ano até 1993 a UBES fica sendo dirigida por dois coordenadores gerais: Mauro Panzera e Antonio Parente.

Diretoria UBES 2005/2007

Presidente: Thiago Franco (MG)
 Vice-Presidente: Michelle Bressan (SP)
 1º Vice-Presidente: Allan Borges (RJ)
 2º Vice-Presidente: Silvio Maurício de Freitas (RJ)
 Sec. Geral: Sandino Patriota (PE)
 1º secretário: Gregório Gould (RJ)
 Tesoureiro Geral: Ismael Cardoso (RJ)
 1º Tesoureiro: André Sousa (CE)
 Dir. Comunicação: Raísa Marques (PR)
 Dir. Rel. Internacionais: Osvaldo Lemos (SP)
 Dir. Cultura: Érico Michel (RS)
 Dir. Pol. Educacionais: Gerson Menezes (CE)
 Dir. pol. institucionais: Thiago Mayworn (RJ)
 Dir. Grêmio: Altanir Moraes (RN)
 Dir. Escolas Públicas: André Rodrigues

Dir. Esportes: Vitor Félix (SC)
 Dir. Escolas Técnicas: Indira Xavier (AL)
 Dir. Mulheres: Vagner Campos (CE)
 Dir. Assistência Estudantil: Gilcimar Brito (BA)
 Dir. Pol. Anti-Discriminatórias: Mário Gustavo (CE)
 Dir. Movimentos Sociais: Emerson Lira (PB)
 Dir. Escolas Privadas: Jader Baz (RS)
 Dir. Meio Ambiente: Thiago Nikson (RO)
 1º Dir. Escolas Privadas: Luis Fernando Lopes (RJ)
 1º Dir. Escolas Públicas: José (RJ)
 1º Dir. Cultura: Paula Bruna Leitão (AP)
 1º Dir. Comunicação: Ana Gabriela Santana (MG)
 1º Dir. Grêmios: Jaderson (AC)
 1º Dir. Escolas Técnicas: Rafael Clabonde (PR)
 1º Dir. Pol. Educacionais: Rudá Gantin (PR)
 1º Dir. Assistência Estudantil: Iracema Santos (BA)
 1º Dir. Relações Internacionais: Marcos Jesus (BA)
 1º Dir. Esportes: Renata (MG)
 1º Pol. Institucionais: Marralia (GO)
 1º Movimentos Sociais: Amanda Mello (PE)

Vice RS-SC: Jorge Moraes (SC)
 Vice PR: Karine Muzeka (PR)
 Vice RJ-ES: Lara Cassano (RJ)
 Vice MG: Mariana Alves (MG)
 Vice BA: Rogério Neiva (BA)
 Vice PE: Amelia Barrozo Viana (PE)
 Vice PB-RN: Julio César (RN)
 Vice CE: Queops Damasceno (CE)
 Vice MA-PI: Henrique Carneiro (MA)
 Vice PA-AP: Marinelson (PA)
 Vice AM-RO-AC-RR: Rafael (AM)
 Vice GO-TO: Paulo Roberto (TO)
 Vice DF: Felipe (DF)
 Vice MT-MS: Ana Flavia (MT)
 Vice SP: Biula Muller (SP)
 Vice SE-AL: Heberton Araújo

RUMO AOS



Realização:



Patrocínio:



Apoio:



Ministério
da Educação

Ministério
do Esporte

Ministério
do Trabalho

Ministério
da Justiça

Ministério
da Saúde

Ministério
do Turismo

Ministério
da Ciência e
Tecnologia

Secretaria Nacional
de Juventude

